

# Jean Baudrillard

## **TELE MORFOSE** Jean Baudrillard

Prefácio e Tradução:

Muniz Sodré



Conheça mais sobre a  
obra em nosso site  
[www.mauad.com.br](http://www.mauad.com.br)

**MAUAD**

## PREFÁCIO

Há sempre o risco do momento em que todo intelectual fulgurante se precipite no que os franceses costumam chamar de *langue de bois*, isto é, a repetição infinita de seus próprios clichês. Acontece a filósofos, sociólogos, ficcionistas e outros. Acontece a Jean Baudrillard? Mas que é, afinal, Jean Baudrillard? A pergunta procede (“o que”, não “quem”), pode-se aplicá-la até a gente muito próxima de nós, a exemplo de Gilberto Freyre, que não era estritamente antropólogo, sociólogo ou ficcionista,

mas algo como um “pensador aplicado”. Baudrillard parece encaixar-se bem nesta categoria: um pensador com uma *langue*, não *de bois*, por certo, mas *belle*, uma bela língua reflexiva. Como um sofista da Antigüidade ateniense ou como, digamos, o empirista inglês David Hume, ele é, antes de tudo, um cultor da palavra reveladora e do estilo.

“Pois a linguagem pensa, nos pensa e pensa por nós, pelo menos tanto quanto nós pensamos por meio dela”, garante Baudrillard. Quem o conhece de perto, quem o lê atentamente sabe da enorme importância que ele atribui às palavras, em especial aos seus desdobramentos metafóricos. Tanto que chegou a publicar um livrinho, Mots de Passe (Senhás), uma espécie de vocabulário iniciático de seu próprio texto, no qual sustenta que “as pessoas crêem avançar por força de idéias — é, sem dúvida, o fantasma de todo teórico,

de todo filósofo —, mas são também as próprias palavras que geram ou regeneram as idéias, que cumprem a função de ‘embrea-gem’. Nesses momentos, as idéias se entrecruzam, se misturam no nível da palavra, que serve então de operador — mas de operador não técnico — numa catálise em que a própria linguagem está em jogo. O que faz dela uma *parada* pelo menos tão importante quanto as idéias.” Nos textos de Baudrillard, palavras como “troca simbólica”, “crime perfeito”, “sedução”, “orgia”, “obsceno”, “virtual”, “fim” e outras se repetem, mas sempre fora do desgaste dos clichês, uma vez que são condutoras de uma intuição quase profética.

Este Telemorfose é um bom exemplo disso tudo. Trata-se de uma análise crítica do livro de confissões sexuais\* de Catherine Millet

---

\* No Brasil, A Vida Sexual de Catherine M. foi publicado pela Ediouro.

— *best-seller* escandaloso na França e no exterior — e do programa televisivo *Loft Story*, um análogo do “nosso” *Big Brother* ou da *Casa dos Artistas*. O nome do programa já é, por si só, atraente para um crítico como Baudrillard. É um trocadilho em torno de *Love Story*, com a palavra *loft* (um apartamento sem divisões internas, de algum modo semelhante a uma clausura) como uma boa “embreagem” para se pensar a mídia enquanto “um condensado de parque humano de atração, de gueto, de portas fechadas e do Anjo Exterminador”.

É amplo o jogo vocabular de Baudrillard, mas neste texto em particular duas expressões merecem destaque. A primeira é orgia, que ele recupera de uma piada americana (*What are you doing after the orgy?*, “o que você vai fazer depois da orgia?”), cuja graça está na incitação a se pensar o “pós”, quando se sabe que a própria bacanal deveria ser o fim, e não o começo de algo. Em textos anteriores, mas também neste

de agora, orgia é metáfora para a ponta extrema ou a culminação de produtividade e riqueza do Centro capitalista, de onde se supõe a passagem a um novo estágio histórico de desfrute econômico, cultural e político. Baudrillard empenha-se em mostrar que não é nada disso, que no momento subsequente ao “êxtase” orgiástico, resta apenas o simulacro do corpo e da consciência. Ainda que mergulhado em ilusões retrospectivas da realidade, o indivíduo “pós-orgiástico”, este que já não mais consegue localizar o fim das coisas (por isto, entrega-se à busca sôfrega das origens de tudo), abandona-se à sombra artificial de si mesmo, ao mais acabrunhante isolamento sensorial.

A outra expressão é crime perfeito. Já em *Mots de Passe*, Baudrillard define-a como “a eliminação do mundo real”. O criminoso é, aqui, a perfeição, o acabamento técnico do mundo como uma espécie de solução final.

## 6

### **telemorfose**

Diz ele: “O que está em causa no crime perfeito perpetrado contra o mundo, contra o tempo, contra o corpo é essa espécie de dissolução pela verificação objetiva das coisas, pela identificação (...) É eliminar a dualidade, o antagonismo da vida e da morte, tudo reduzir a uma espécie de princípio único — poderia-se dizer um “pensamento único” — do mundo, que se traduziria em todas as nossas tecnologias — hoje, sobretudo, nossas tecnologias do virtual”. O crime só é de fato perfeito quando consegue apagar os seus próprios traços, para nos fazer esquecer que todos nós somos, ao mesmo tempo, criminosos e vítimas.

O que tem isso tudo a ver com o *serial fucking* de Catherine Millet ou com o zero de significação de um *reality show*, seja *Loft Story*, *Big Brother* ou qualquer outro? A resposta de Baudrillard aponta, nos termos de Heidegger, para “a segunda queda do homem,

a queda na banalidade”. Isto vale para o Primeiro Mundo, vale para nós, aqui. Em O Império do Grotesco<sup>1</sup>, fica patente que, no dito rebaixamento cultural dos padrões televisivos, a audiência não é vítima, e sim cúmplice passivo de um *ethos* a que se habituou. Crime perfeito? É possível. Fato mesmo é que, aqui, como no exterior, não se sustenta a hipótese explicativa de um “voyeurismo” freudiano, pois não é a sexualidade que está em jogo, mas a mesma escopofilia visceral que liga a banalidade dos fluxos televisivos à existência banal dos espectadores: “O que aí se procura é identificar “realidade” com um cotidiano desprovido de maior sentido, com uma espécie de grau zero do valor ético, em que só há lugar para o miúdo, o mesquinho, a emoção barata e o banal”.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Cf. Paiva, Raquel e Sodré, Muniz. O Império do Grotesco. Mauad Editora, 2002.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 136.

A “telemorfose” de que fala Baudrillard tem ação global, é de fato, lá como aqui, “a elevação de toda uma sociedade ao estágio paródico de uma farsa integral, de um retorno-imagem implacável sobre a sua própria realidade”. Este curto texto desse brilhante analista da pós-modernidade, ou da “pós-orgia”, é um convite permanente à reflexão sobre o novo tipo de servidão voluntária a que nos entregamos sob o império da mídia.

*Muniz Sodré*

Escritor

**Leia também da Mauad Editora:**

**Cidade dos Artistas**

*Muniz Sodré e Raquel Paiva*

**O Império do Grotesco**

*Muniz Sodré e Raquel Paiva*

**Samba, o Dono do Corpo**

*Muniz Sodré*

Conheça esses e outros títulos da Mauad no site:

*[www.mauad.com.br](http://www.mauad.com.br)*